

A Revista Marítima Brasileira no século XIX: o desenvolvimento de um periódico militar*

The *Revista Marítima Brasileira* in the 19th: the development of military journal

André Luiz Melo Tinoco Nogueira

Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

RESUMO

No presente trabalho, buscamos analisar o aparecimento do periódico militar *Revista Marítima Brasileira* (RMB) em meados do século XIX, como produção intelectual da Marinha do Brasil. Em nossas observações, destacaremos o momento de construção do projeto da revista, como local de produção de conteúdo técnico-militar e de discussão de assuntos ligados à interesses das áreas marítima e naval. Assim, buscamos com nosso trabalho, observar a trajetória de aparente amadurecimento da proposta do periódico como produção impressa, sua rede de informação militar, suas figuras de destaque para o desenvolvimento do periódico, e o olhar da Marinha do Brasil em diferentes momentos da História do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Periódico militar; Marinha do Brasil; História Militar

ABSTRACT

In the present work, we seek to analyze the appearance of the military journal *Revista Marítima Brasileira* in the middle of the 19th century, as an intellectual production of the Brazilian Navy. In our observations, we will highlight the moment of construction of the project of the magazine, as a place of production of technical-military content and discussion of matters related to the interests of the maritime and naval areas. Thus, we look for our work to observe the apparent maturation of the newspaper's proposal as a printed production, its military information network, its prominent figures for the development of the periodical, and the look of the Brazilian Navy in different ways. moments of the History of Brazil.

KEYWORDS: Military Journal; Brazil's navy; Military History

Convem¹ que n'esta folha, exposta a concorrência intellectual dos estudiosos, cada um escreva como sabe, sem receio de faltar ao gosto, á elegância, ao estylo, á perfeição enfim, uma vez que traga á luz da imprensa idéias úteis, quer originaes, quer extrahidas de tantos livros e mais impressos que correm o mundo.

* Artigo recebido em 11 de março de 2018 e aprovado para publicação em 12 de junho de 2018.

Quem diz guerra, diz marinha; a guerra é a suprema sciencia dos tempos modernos; a sciencia é o resultado de estudo; a publicidade o meio de não deixar infecundo. Resumindo: Aqui tendes um álbum com seductora epigraphel

Vós que amais a vossa pátria, vinde pagar-lhe o tributo da intelligencia e do espírito, para que ella se engrandeça e orgulha-se de vos ter por filhos.²

Diversos títulos de periódicos com temáticas militares apareceram no cenário editorial brasileiro a partir do século XIX, os quais podemos citar como exemplos aqueles levantados pela pesquisadora Fernanda de Santos Nascimento, que investigou as revistas produzidas por autores militares, tais como: *O Militar no Rio de Janeiro*, *O Soldado Afflicto*, *O Soldado Brasileiro*, *Anaes Maritimos*, *Tribuna Militar*, e incluindo também, claro, a própria *Revista Marítima Brasileira*, que figura entre os listados pela pesquisadora como de relevância para o cenário da imprensa oitocentista (2013, p. 59-60). O professor José Miguel Arias Neto nos encaminha para uma importante observação a ser considerada ao olharmos para o fomento de uma dita imprensa militar no século XIX, o fato de que a maioria dos periódicos militares tiveram sua origem de produção após 1850 (2014, p. 57), o que indicaria, então, o vislumbre de um momento favorável em que o Império do Brasil se encontrava, dispondo de notável percepção de estabilidade política e reformas benéficas, e como isto poderia estar ligado a um estímulo direto aos militares a participarem dos movimentos crescentes que estavam envolvidos à imprensa nacional, opinando acerca de, e em nome de, suas respectivas instituições. Fernanda Nascimento caracteriza este momento de produtividade intelectual, rede de circulação e divulgação de caráter militar, como:

Definimos a imprensa periódica militar como uma produção de caráter intelectual voltada, sobretudo, à produção de jornais, pasquins e gazetas por militares e direcionados, em última instân-

cia, ao público militar. Esta imprensa tem seu surgimento concomitante à imprensa no Brasil. (2013, p.10)

Nosso objeto de estudo, a *Revista Marítima Brasileira*, possui uma história de longa data, remetendo a meados da década de 1850 e, desta forma, a cronologia de suas publicações é extensa e numerosa, com notável hiato apenas em seus primeiros anos de criação, que falaremos ainda neste artigo, mas brevemente retornando suas atividades. O periódico foi produzido primeiro em tiragens de edições trimestrais e depois bimestrais, não havendo sinal de outra paralisação ou interrupção significativa em suas publicações, sendo a mesma produzida pela Marinha do Brasil até o presente momento.

Atualmente, a *Revista Marítima Brasileira* conta com edições trimestrais, com a presença de seções tanto fixas quanto esporádicas e com base média de paginação estimada em mais de 200 por número da revista, compondo volumes de publicação. As edições da *RMB*³ publicadas na presente data desta pesquisa se estruturam nas seguintes seções: Artigos; Revista de Revistas; Noticiário Marítimo; Aconteceu há Cem Anos; Necrológio; Doações à DPHDM⁴. A segmentação Artigos, é a mais antiga e única presente em todas as edições da *Revista Marítima Brasileira* desde sua criação, sendo a responsável por iniciar o periódico, e contando com textos assinados principalmente pelos próprios redatores e diretores editoriais, mas com presença em momentos diversos de artigos de autoria de convidados militares e civis, sempre com o foco destinado a assuntos inseridos na temática de interesse náutico/marítimo, a temática norteadora da revista.

Notamos que, comumente, nas edições da *Revista Marítima Brasileira*, principalmente até início do século XX, suas publicações não contavam com assinaturas ou marcas de referência dos autores, tratando apenas de textos anônimos ou, poucas vezes, apenas com iniciais de nomes, o que nos deixa sem a plena verificação da identificação cor-

reta da autoria de alguns dos artigos citados e apresentados em nosso trabalho.

Estruturalmente, a *RMB* apresentou grandes alterações no decorrer de sua trajetória de publicações, e adições de estruturas, que foram surgindo de acordo com o momento em que se analisa o periódico, salvo alguns pertencimentos que datam das primeiras edições e se tornaram característicos da revista. Algumas seções, como a Revista de Revistas e Noticiário Marítimo, aparecem ao longo da história do periódico, grifados de diferentes formas, mas sempre presentes como espaço utilizado para as transcrições e traduções de informações e notícias retiradas de diversos periódicos do âmbito militar por todo o mundo. Outras divisões do periódico aparecem de forma natural de acordo com o contexto histórico da *RMB*, por exemplo, a partir da década de 1920, quando surge a divisão de Aviões e Submarinos, iniciada especificamente para informes sobre tais meios e seus usos para guerra, que naquele momento faziam parte de debates atualizados sobre novas tecnologias a serem usadas e pensadas para o combate.

Ao longo de sua história, a *Revista Marítima Brasileira* contou com diversos colaboradores na construção de suas edições e, devido ao anonimato ou falta de maiores referências sobre as assinaturas, se mostra uma difícil e imprecisa tarefa, a de definir o quantitativo de autores que contribuíram em suas páginas, e isto se dificulta também, visto o grande recorte cronológico de edições. O que podemos destacar com maior precisão dentro da delimitação estudada, é que a maior parte dos artigos publicados na *Revista Marítima Brasileira* era de autoria dos responsáveis diretos dos editoriais em vigência na época do volume observado, que contava em sua hierarquia de funcionamento, e forma padronizada, de um redator chefe, caracterizado por um oficial de posto mais elevado, geralmente capitão-tenente ou superior, e entre três ou quatro oficiais redatores, de postos inferiores, habitualmente constituído de tenentes.

Além de se ater à publicação de artigos de cunho técnico-militar, produção principal da revista, há a presença de artigos que

se preocuparam em tratar propriamente de assuntos que versam direta ou indiretamente com os campos da História Naval e Marítima, sempre inserindo como objeto de estudo, obviamente, a própria instituição da Marinha de Guerra do Brasil.

É aparente nas publicações da *Revista Marítima Brasileira* a preocupação dos editores e autores dos artigos da revista em traçar o ideal de construir uma visão de importância da presença de uma Marinha de Guerra brasileira, como instituição que visa a se fortalecer com o tempo e que integra seu lugar de atuação na proteção e defesa nacional, como visto neste trecho de uma de suas primeiras edições:

A Marinha é por essência a base da força e da influência política dos Estados, a protectora nata do commercio, o elemento primordial da prosperidade material das nações, e por tal forma tem contribuído para o desenvolvimento da civilização que chegou a constituir-se no mundo uma força superior cuja direção suprema envolve o futuro das sociedades humanas. E com a força que ha podemos defender a nossa liberdade e a honra nacional? Poderá essa força ser porventura um antemural de nossa independência, uma garantia de ordem e prosperidade para o vasto império destinado pela providência a ocupar lugar distinto no catálogo das principaes nações marítimas do mundo?⁵

Em informe oficial, no site da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), atual Organização Militar (OM) mantenedora das publicações da *RMB*, a primeira publicação da revista é referida como sendo obra oficial do Comando da Marinha do Brasil desde o ano de 1851. Sua descrição mostra o periódico tendo tiragem de edição trimestral, na qual constam artigos de autores nacionais, e estrangeiros, sobre assuntos técnico-militares e estratégicos de temática marítima e naval. Em nota publicada no ano 2000, e citando como fonte o *Boletim Del Centro Naval*, da Argentina, a *RMB* se posta na posição de segunda



publicação mais antiga do mundo a tratar em especial e preferencialmente de temas marítimos e navais⁶.

A primeira publicação de um periódico sob alcunha de *Revista Marítima Brasileira* se deu realmente em 1851, tendo como cerne temático a proposta de se configurar como uma revista essencialmente de assuntos da área técnico-militar náutica. Nestes modelos estruturais, essa *RMB* continuou aparecendo com tiragens esporádicas até meados de 1855, ano em que o periódico interrompe suas atividades. Em 1881, uma *Revista Marítima Brasileira* ressurgiu, transparecendo a ideia de retorno pós “hiato” não oficial de suas últimas atividades, com estruturas editoriais distintas da primeira produção, mas considerada pelos atuais representantes editoriais da Marinha do Brasil como uma continuidade direta das publicações de meados do século XIX.

Ao se posicionar oficialmente como um dos periódicos mais antigos a tratar dessa gama de assuntos específicos do universo marítimo/naval e por estar em atividade com suas publicações até a presente data, a revista demonstra manter uma continuidade de impressionar pela longevidade. Essa longevidade, no entanto, é passível de questionamentos quando observamos o destoamento no discurso oficial de continuidade do periódico, ao longo das publicações no período pré e pós-hiato, tais como diferenças na estrutura geral e concepção, da primeira aparição da revista, de 1851-55 e a *Revista Marítima Brasileira* que se inicia em 1881 (ARIAS NETO, 2012, p. 27-29), apresentando nesta segunda uma nova formulação de abordagem temáticas e redação, e sendo esta versão e formato os que seguem sem interrupções até os dias de hoje, como periódico institucionalizado.

A primeira produção de uma *Revista Marítima Brasileira*, da década de 1850, foi editada e comercializada pela *Typographia do Diário*, pertencente à Nicolau Vianna Lobo, e anteriormente à Zeferino Vito de Meirelles, então vice-diretor da Imprensa Régia a partir de 1822 (2001, p. 74). A *RMB*, neste momento, teve suas edições publicadas da seguinte maneira:

Tabela 1 – Relação de publicações da *Revista Marítima Brasileira* entre 1851 e 1855

Ano	Período	Números	Volume
1851	1ª de março a 15 de dezembro	01 a 20	I
1852	1ª de janeiro a 1ª de dezembro	01 a 23	II
1853	1ª de janeiro a 15 de fevereiro	25 a 28	II
1853	1ª de julho a 15 de dezembro	01 a 12	III
1854	13 de janeiro a 30 de junho	03 a 24	III
1854	20 de julho a 13 de dezembro	01 a 11	IV
1855	1ª de janeiro a 28 de julho	02 a 21	IV

Ao analisarmos algumas edições da *Revista Marítima Brasileira* em momentos distintos, conseguimos constatar que, ao longo de sua trajetória, o discurso característico de longa duração passou por um processo de construção no imaginário de seus produtores e incorporação dentro do editorial da revista por aqueles que a editavam, possivelmente seguindo de acordo com a vontade da instituição de criar familiaridade com a primeira aparição da revista homônima em 1851, fornecendo, assim, elementos para proclamar oficialmente uma ideia de tradição e longa publicação.

Ao nos debruçarmos nos diferentes momentos analisados nos artigos pesquisados da *RMB* e ao olharmos nas primeiras páginas do primeiro volume da publicação de 1881, não encontramos sinais que remetam à publicação anterior a tal ano, ou a esta duração continuada, nem mesmo elementos que conduzam à proximidade com a revista de 1851, não havendo, assim, menção ou nota que se refira ao periódico do meio do século XIX como sendo a mesma *RMB* que estava sendo lançada no final do mesmo século. Na abertura da edição número 1, de julho de 1881, por exemplo, Sabino Eloy Pessoa, creditado como diretor-geral da revista, faz a seguinte observação acerca da

existência de publicações que versam sobre assuntos navais, dando ideia da existência de produções similares, mas sem concluir, para nós, nenhuma ligação com alguma outra publicação da Marinha do Brasil:

Não é a primeira vez que se publica no Brasil um jornal dedicado aos interesses da Marinha. Em épocas diversas, a partir de 1851, saíram à luz pequenos jornais, que dignamente procuraram entreter o espírito público no estudo e na consideração dos importantes questões concernentes ao modo de bem organizar e acertadamente desenvolver a nossa força naval.⁷

Na passagem acima, Sabino Eloy também comenta sobre o não afastamento dos outros veículos de informação em relação aos assuntos de interesse marítimo e naval, não sendo estes restritos a periódicos específicos para tais fins. É sabido que os interesses para com assuntos ligados ao mar estavam em voga nos periódicos em circulação daquele momento, principalmente na região portuária do Rio de Janeiro. Tal discurso, então, acaba por corroborar ainda com a controvérsia acerca da continuidade cronológica da *Revista Marítima Brasileira* que, nesse momento, em 1881, não é percebida ou caracterizada por seus editores como uma continuação oficial do periódico de 1851.

A linha de raciocínio que orienta esta pesquisa, que demonstra distinção entre as publicações e suas épocas, continua a ser verificada ao analisarmos as publicações do início do século XX. Em edição de número 1, de julho de 1906, há um artigo anônimo, que acreditamos, mas não comprovamos, ter sido possivelmente escrito pelo diretor da revista daquele período, o Capitão-Tenente Henrique Boiteux, e intitulado “Nossa Revista”. No artigo, o autor presta homenagens à fundação da *Revista Marítima Brasileira*⁸, pelo diretor da época, o Conselheiro Sabino Eloy Pessoa e os Tenentes José Egydio e Alfredo Lima Barros, com data marco em 1881, sem nenhuma menção ao periódico homônimo de 1851, confirmando, para nós, a impressão de que os militares mem-

bro editoriais da *RMB* daquele período não contemplavam a publicação de 1881 como sendo a mesma que outrora foi produzida. Ainda em nossas análises acerca da não continuidade da *Revista Marítima Brasileira* de 1851, a revista publica, em uma edição de 1916, um artigo denominado “Nosso Aniversário”, como uma homenagem aos que se empenharam pela criação e desenvolvimento do periódico, reafirmando naquele momento, o discurso de fundação em 1881.

Esta percepção interna de não continuidade começa a mostrar sinais de alteração e de reformulação quando nos debruçamos sobre os artigos publicados em edições posteriores, já no século XX, como, por exemplo, no final dos anos 1920, em texto assinado por Augusto Vinhaes, publicado na *Revista Marítima Brasileira* de número 9, de março de 1928, chamado “A gênese desta revista”. Nele, o autor trata de atrelar a história do periódico de 1881 com o homônimo de 1851, assimilando assim uma ideia de tradição e longevidade produtiva da revista, e efetivamente incorporando por parte de um discurso oficial a continuidade da produção.

Como observado pelo professor José Miguel Arias, pesquisador das publicações da *Revista Marítima Brasileira* no século XIX, o texto de Augusto Vinhaes apresenta o momento de ligação entre as, até então caracterizadas como distintas, publicações da *RMB*. O pesquisador também estabelece três fases de análise do periódico em sua primeira aparição: uma inicial, que se constrói da primeira edição de 1851 até fins de 1852, podendo ser interpretada como uma fase inexperiente da publicação, que não conseguiu se firmar de imediato por conta de um amadorismo editorial e pela ausência de maiores colaboradores; uma segunda fase, delimitada de junho de 1853 até abril de 1855, a qual José Miguel atribui a uma iniciativa persistente dos idealizadores de insistir no projeto criado, amparada em seu aporte editorial pelos Tenentes Sabino Eloy Pessoa e Giacomo Raja Gabaglia⁹; e uma última fase, de junho-julho de 1855 (ARIAS NETO, 2013, p.7-9), que culminou no desaparecimento da revista por motivos que não conseguimos verificar com precisão, mas que poderiam ser expressados por

parte de um amadorismo e falta de auxílio para as publicações.

Seguimos então, retomando o momento de reaparecimento de uma revista homônima, após longa pausa, em 1881, quando o novo periódico consegue se firmar como publicação recorrente, sob a direção do Conselheiro Imperial Sabino Eloy e adotando um programa editorial reatado da antiga versão da *Revista Marítima Brasileira*, a ser seguido em suas publicações futuras (BOITEUX, 1906, p.6). Em uma análise do programa editorial definido para a *RMB*, que duraria por toda sua trajetória de publicações, nos são fornecidos detalhes importantes de como funcionava, pelos menos no que diz respeito ao caráter oficial do periódico, as diretrizes a serem seguidas por seus diretores e autores, bem como a estruturação dos artigos a serem publicados, as temáticas e o público-alvo direcionado. Neste editorial, ficou oficializado que o periódico receberia artigos que tratavam de assuntos correlatos à temática naval, não restrito apenas a autores militares. Em nota, havia a observação de que a responsabilidade pelo conteúdo produzido e posicionamentos tomados eram dos autores dos textos, deixando claro que tais artigos não expressavam a opinião da Instituição Marinha de Guerra do Brasil. De caráter interno, ficava estipulado que a *Revista Marítima Brasileira* seria responsável por publicar a transcrição dos atos administrativos do Ministério da Marinha, bem como medidas, relatórios e informações de ordem oficial da instituição. Outro ponto que vale uma observação é o 6º item do programa editorial, inteiramente transcrito em volume da *RMB* de 1928, onde lemos: “[A revista] Não publicará artigos em sentido político, principalmente os que censurarem actos do governo”¹⁰.

No referente ao mérito de ter uma abertura para autores civis, percebemos nas primeiras publicações uma diferença do discurso e prática, pois a *Revista Marítima Brasileira* mesmo se referindo como uma publicação voltada para todos aqueles interessados nas temáticas náuticas, em sua essência e na forma de construção de seus textos e escrita dos autores, é perceptível uma inclinação para um público mais fa-

miliarizado com determinadas condutas e vocabulário específicos de ambientes militares, além de, mais especificamente, notarmos uma inclinação em seu público-alvo para o oficialato naval, que compunha a base de produtores de artigos do periódico. Tal vínculo predominante do periódico com os oficiais da Marinha de Guerra está presente em toda sua concepção e construção, da administração da revista; na autoria dos artigos publicados; e no declarado posicionamento do periódico em expor material de interesse profissional e nacional, de temáticas referentes a este grupo militar.

Em sua retomada em 1881, a *RMB* foi impressa pela Lombaerts & Comp, contando com a direção de criação de Sabino Eloy Pessoa¹¹, José Egydio Palha e Alfredo Augusto de Lima Barros, todos militares e oficiais, na época com o posto de tenente. Sua formatação estrutural como modelo de revista teve como inspirações padrões encontrados em periódicos similares, como a *Revue Maritime et Coloniale*, o *Naval Science* e o *Nautical Magazine*, todos com direção editorial voltada para o público-alvo específico do oficialato da Marinha de seus respectivos países¹².

Percebemos que os redatores, aparentemente, priorizaram focar em uma apresentação concisa do periódico, que preservava artigos que trabalhavam de maneira mais detalhada os aspectos da área técnico-militar, como observado, por exemplo, no artigo intitulado “As Marinhas militares do mundo”, dividido em três partes, e de autoria do Capitão-Tenente Luiz de Saldanha. Seu texto se estabelece como uma resenha do livro *The war-ship and the navies of the world*, do norte-americano M. King¹³, e se propõe a traçar o desenvolvimento observado das Forças Navais em destaque pelo mundo, analisando o surgimento de formas bélicas mais poderosas e que estavam, no momento da publicação do artigo, sendo testadas como substitutas das antigas tecnologias da época. O texto discorre sobre preocupações e estimativas para o uso de um recurso bélico que se configurava como novidade no mundo militar, tanto em avanços tecnológicos quanto em efetividade de atuação: o torpedo. Em uma descrição do livro resenhado, Saldanha comenta:

Na primeira parte do livro se contem a descrição succinta, feita paiz por paiz de todos os navios de guerra, já n'agua ou ainda em construção; em seguida passa-se em revista a artilharia naval em suas mais recentes modificações, bem como os melhoramentos realizados no modo de armar e no encouraçamento dos modernos navios de combate; por ultimo estuda-se em capítulos separados os mecanismos propulsores com seus complementos indispensáveis, e a arma moderna, o torpedo, em todos os seus moldes e variados modos de aplicação¹⁴.

Saldanha ainda expõe suas considerações em relação ao tema do artigo e traça comentários sobre sua própria concepção acerca da Marinha de Guerra brasileira nesse processo de adaptação aos novos métodos de combate que surgiram ao longo do século XIX, tecendo comentários, inclusive, sobre o entendimento do conceito estratégico de *Força* para as Forças Navais, atribuído de forma geral ao emprego dos navios: “Pela expressão – força –, deve entender-se o conjunto de todas as qualidades offensivas e defensivas do navio”¹⁵.

As publicações da *RMB* de 1881 tinham por objetivo comunicar seus leitores sobre modelos navais já em utilização por poderosas Forças Militares pelo mundo, sobre suas forças bélicas e usos em estratégias navais, como visto no artigo “*Polyphemus* e *Destroyer*”¹⁶, do então Capitão-Tenente José Victor de Lamare, que faz comentários sobre esses dois meios navais chamados pelo autor de “as duas mais poderosas armas de guerra desse século”¹⁷. Acerca de suas utilizações em estratégias para o combate, o autor sugere que tais embarcações seriam elementos fundamentais pensados para o objetivo final dos combates, o de inutilizar o material bélico inimigo, tendo o *Polyphemus* em sua estrutura amparo de grandes canhões e inclusão do torpedo, sendo considerado, assim, o modelo naval campeão da Marinha britânica naquele momento, ainda que se encontrasse atuando em fase experimental. Sua descrição é bastante detalhada, revelando características de ordem técnica,

como as especificações da embarcação, visto em: “Apresenta a forma de um charuto de 240 pés de comprimento por 40 de bocca extrema e 18 de pontal, uma secção mestra immersa de 625 pés quadrados, e um deslocamento de 2640 toneladas”¹⁸.

Já no cenário naval das Américas, os Estados Unidos surgem com o modelo *Destroyer*¹⁹, como uma grande embarcação combatente, possuindo similaridades nas partes técnicas com a arma inglesa, mas sendo considerado o maior navio torpedeiro da época, devido a já conclusão de sua fase experimental e atualização de práticas funcionais. O autor procura ainda estabelecer paralelo com a Marinha do Brasil e seus meios navais que, comparada a estas citadas, seriam pequenas e sem recursos, mas que com algumas unidades de *Destroyers*: “collocavam-nos em pé respeitável, assegurando a defesa de nosso litoral”²⁰.

Todo esse efetivo de publicações da revista voltadas para a divulgação dos avanços tecnológicos incorporados à guerra no mar se associa com a necessidade aparente da Marinha de Guerra do Brasil, de reaparelhamento de suas forças, principalmente após o período da Guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança. Tais progressões naturais das atualizações bélicas acabam provocando, de maneira gradativa, a propagação do debate entre os membros do oficialato da Marinha do Brasil, sobre a necessidade de compreendê-las e implantá-las, se adequando e preparando para os contextos beligerantes que se seguiriam.

Nos atentando à figura de Sabino Eloy Pessoa e suas contribuições para a revista, percebemos que nas folhas de rosto de edições atuais da *Revista Marítima Brasileira*, aparece grifado o nome de Sabino Eloy não apenas como o diretor das primeiras edições da revista, mas referenciado como o fundador direto do periódico, além de ter atuado como conselheiro do Império brasileiro. É de conhecimento em sua biografia que Sabino nasceu em 25 de maio de 1821, em Coimbra, seu pai foi o Brigadeiro José Eloy Pessoa, presidente da Província de Sergipe, em 1838, membro da Assembleia Baiana e comandante das forças legais contra facções armadas em Alagoas.

Sabino Eloy foi promovido a primeiro-tenente da Armada Imperial em 1849, mesmo posto que tinha quando participou das publicações da primeira versão da *Revista Marítima Brasileira* na década de 1850. Foi também secretário do Conselho Naval e, em 1868, se tornou diretor de seção da Secretaria da Marinha, onde foi condecorado como Comendador das Ordens da Rosa e de S. Bento de Aviz e agraciado com o título de Conselheiro do Imperador D. Pedro II²¹.

Desde o aparecimento, em 1881, da que iremos chamar de versão definitiva da revista, o diretor-geral e já Conselheiro Imperial Sabino Eloy assinava a publicação dos principais artigos das edições trimestrais da *Revista Marítima Brasileira*, particularmente interessado em produzir trabalhos biográficos e homenagens à personagens importantes para a instituição Marinha do Brasil, bem como um modelo tradicional de História, pautado em narrativas de batalhas navais e culminando em artigos que tratavam sobre questões de reformas na estrutura da Instituição, como a criação de novos distritos navais, renovação de material bélico e tecnologias aplicadas nas embarcações.

As publicações da *RMB* neste período preservam sua base temática por publicações exclusivamente de ordem técnico-militar, se propondo a tratar de notícias referentes a novas embarcações das Marinhas estrangeiras, informações e resultados de experiências e testes de novos calibres de canhões para os navios, e elaboração de comparativos históricos entre o Poder Marítimo vigente no momento em questão com o poderio militar naval da Antiguidade, como no exemplo observado, publicado na edição de 1881, que tece comentários sobre a efetividade tecnológica e estratégica dos navios trirremes atenienses e as táticas usadas nas guerras navais da Antiguidade²².

Faz-se necessário também ressaltarmos o contexto histórico em que a Marinha do Brasil estava inserida no momento do retorno das publicações da *Revista Marítima Brasileira*, o que estabelece conexão com a caracterização técnica que os artigos da revista ganham de 1881 em diante e o papel desempenhado por Sabino Eloy nesta retomada de publicações.

Durante o processo de Independência do Brasil, a então Armada Imperial tinha como missão principal a manutenção do extenso território litorâneo brasileiro, bem como a preservação da integridade nacional contra possíveis hostilidades da Marinha portuguesa, além de ter que lidar com os problemas de ordem interna, exemplificados nos embates com movimentos separatistas que ocorreram naquele momento. Brevemente, se seguiu o conflito com as Províncias Unidas do Rio da Prata, na denominada Guerra da Cisplatina, pelo território do atual Uruguai, bem como posteriormente a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Desde a metade da década de 1850, já eram notáveis as perturbações nas relações diplomáticas entre o Império do Brasil e a República do Paraguai, motivadas pelas divergências nas discussões acerca das delimitações das fronteiras, na região entre o Rio Branco e o Rio Apa. Havia uma clara dificuldade em conseguir um acordo sobre a questão de definição dos limites pois, "Para o Império, qualquer concessão nesse aspecto seria uma ameaça à própria manutenção de Mato Grosso como parte integrante do Brasil" (DORATIOTO, 2002, p.32). Mesmo em face de conflito, os componentes militares da Marinha do Brasil ficaram sem a atualização dos meios técnicos, que se encontrava lenta, até a metade do século XIX.

A agressão paraguaia se concretizou em dezembro de 1864 na Província do Mato Grosso, o que proporcionou o avanço de Forças paraguaias, composta principalmente por forças fluviais e terrestres, visando uma tentativa de anexar terras brasileiras, vislumbrando um projeto de aumento territorial, no caso da possível vitória contra o Império brasileiro. A Marinha Imperial Brasileira foi, durante parte considerável do século XIX, ferramenta fundamental do processo de promoção da integração nacional, principalmente nos territórios fronteiriços, tendo como missão promover a integração do Império valorizando e resguardando suas dimensões continentais, tendo em sua base a missão de ligar o centro do País às demais áreas, particularmente àquelas como a Província do Mato Grosso, alvo de disputa com os países vizinhos.

Estes episódios de confronto envolvendo o Brasil serviram como estímulo ao desenvolvimento da Marinha do Brasil diante da clara necessidade de se estar preparado para a eclosão de eventos beligerantes. O Almirante Armando Vidigal nos mostra que, do ponto de vista militar, a Guerra do Paraguai foi um episódio de grandes ensinamentos para a Marinha Imperial brasileira, tanto em relação a adequação de sua Marinha para os combates em rios, que se configuravam em trechos de difícil navegação, canais tortuosos e com bancos de areia, até ensinamentos de origem estratégica, como em um dos episódios mais famosos da participação brasileira no conflito, a Batalha Naval do Riachuelo, onde a tática do Almirante Barroso de investir com a Fragata *Amazonas* nos navios paraguaios conseguiu êxito em sua missão de inutilizá-los (VIDIGAL, 1985, p. 35-37).

As transformações tecnológicas em âmbito militar foram aceleradas, tanto para a artilharia, que no período entre 1850 e 1860 observou transformações que mudariam a forma de combate, como a alma raiada no cano das armas, as granadas ocas e o carregamento pela culatra, bem como por parte da construção naval, que vislumbrou mudanças significativas, como o casco metálico de ferro e o emprego de aço nas construções dos navios (VIDIGAL, 1985, p. 40). Notamos que a participação brasileira na Guerra do Paraguai foi um importante evento para clarear uma série de mudanças dentro da instituição Marinha, reformular pensamentos estratégicos e corroborar com novos projetos editoriais, sendo os mesmos, refletidos nas publicações da *Revista Marítima Brasileira* do período.

Sobre este ponto, observamos o artigo na edição de 1881, chamado "Episódios da Guerra do Paraguay", que refere-se justamente aos acontecimentos e participação da Marinha do Brasil na mencionada guerra. Segue um pequeno trecho do artigo:

Corria o anno de 1866. O inimigo vencido no Riachuelo, em Jatay, e em Uruguayana, havia-se recolhido a seu território, deixando-nos gloriosos tropheos. A guerra mudava de natureza. Por nossa

vez devíamos tomar a offensiva, dominadas as primeiras emoções da surpresa que nos haviam causado as inesperadas e violentas aggressões do desleal adversário, por mar e por terra²³.

Já no artigo intitulado "O torpedo", o autor trata especificamente sobre comentário acerca do já mencionado instrumento bélico de destaque, no século XIX, analisando os detalhes desta que era a nova arma nos combates navais, e comparando-a com a eficácia de grandes canhões da época, necessários para subjugar as novas embarcações atualizadas e fortificadas, as quais também ganham força no mesmo momento, contando com fortes e poderosas couraças, os encouraçados²⁴.

Em edições de janeiro a junho de 1882, notamos o progressivo contingente de artigos técnicos, e os de caráter biográfico, que ganham destaque nos volumes que se seguem daquele mesmo ano. Dos 25 artigos publicados de janeiro a junho de 1882, dezessete deles são de caráter técnico e técnico-militar, sendo os outros divididos entre relatórios de viagens de embarcações, comunicados oficiais do Ministério da Marinha, uma seção dedicada a necrologia de oficiais e biografias, contando neste último tópico com um artigo do próprio diretor Sabino Eloy, intitulado "Almirante Barroso", texto de caráter de homenagem, onde se estabelece a figura do Almirante Barroso, o Barão do Amazonas, como um herói para a instituição Marinha, por sair vitorioso na Batalha Naval do Riachuelo durante a Guerra contra o Paraguai.

Em 1887, Sabino se afasta por decisão pessoal do cargo de diretor-geral da revista e de suas tarefas na Secretaria da Marinha, deixando a vaga na *Revista Marítima Brasileira* para o então Capitão de Fragata Alfredo Augusto de Lima Barros, colaborador e redator do periódico desde 1881. Todo esse pano de fundo que molda o contexto de atuação da Marinha do Brasil no século XIX vai, ao longo do século, sendo perceptível nas redefinições de prioridades e estruturas internas da *Revista Marítima Brasileira* e na própria instituição militar.

A *RMB* seguiu, então, uma nova fase de publicações, marcada de tempos em tem-

pos por substituições no cargo de direção, que demonstraram formar etapas importantes de mudanças em sua estrutura, administração e os posicionamentos ideológicos e políticos, das publicações do periódico. Em 1868, foi promulgada a criação do Museu Naval, com sua inauguração efetiva apenas em 1884, no intuito de preservar a história da instituição, das suas ações realizadas que, nas palavras da Marinha, serviria para: “passar para próximas gerações o testemunho de gratidão àqueles que serviram a Pátria com dedicação e heroísmo e muitas vezes com sacrifício da própria vida” (BRAGA, 2003, p. 12). O Museu Naval se reuniria com a *Revista Marítima Brasileira* e, posteriormente, com o Arquivo da Marinha, sob uma direção única.

Na estrutura administrativa da Marinha do Brasil de 1889-1907, durante a reforma organizacional feita pelo Almirante Wandenkolk, o organograma oficial demonstra a existência da seção “Biblioteca da Marinha e Museu do Mar” (sendo reunidos como um só em 1890), subordinados diretamente ao Gabinete do Ministro da Marinha, cabendo a ele a administração total e nomeação dos redatores e autores da *Revista Marítima Brasileira* (CAMINHA, 1989, p. 49). Nas primeiras décadas do século XX, a *Revista Marítima Brasileira* permaneceu subordinada a esta diretoria, até 1923, quando passa a ser subordinada especificamente ao Estado-Maior da Armada, órgão criado no que é conhecida como 2ª Reforma Alexandrino, tida como essencial para assuntos referentes a preparos de guerra e tendo sua organização e operação expedidas diretamente pelo próprio Ministro (CAMINHA, 1989, p. 81-83). Esse quadro estrutural permanece até os anos finais da década de 1930 e início da década de 1940, quando ocorre a criação da Divisão de História Marítima, seguida de perto pela criação do Serviço de Documentação da Marinha (SDM), atual Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

Podemos perceber que o periódico *Revista Marítima Brasileira*, desde seu projeto de criação em meados dos Oitocentos, esteve diretamente ligado à estrutura organizacional da própria instituição da Marinha

de Guerra do Brasil, como projeto oficial, servindo para nós, pesquisadores, como importante fonte de estudos e análises dos períodos históricos pelo qual a revista manteve suas edições, contextualizando assim sua inserção nos momentos políticos e beligerantes que permeavam o século XIX, tanto no exterior quanto no próprio Brasil.

No período em que se insere a chamada imprensa oitocentista, verificou-se uma crescente leva de periódicos voltados a tratar de assuntos referentes ao universo das Forças Armadas, seja nos estudos de seus processos de modernizações e transformações sofridas ao longo do século, o movimento de profissionalização que acompanhou tais mudanças em ambiente militar, as modificações políticas, e ainda debates sobre os impactos que essas temáticas ofereceriam para a chamada arte da guerra e toda a preparação militar que lhe é envolvida. Tais periódicos eram, em sua maioria, publicações voltadas para um público-alvo particular, prioritariamente militares oficiais e produzidos pelos mesmos, mas que buscavam tentar dialogar com qualquer público que encontrasse ali assuntos de interesse em comum.

A *Revista Marítima Brasileira* destinou em diversas de suas publicações seções específicas para a incorporação e divulgação de outras revistas, para que esses periódicos internacionais servissem como meio de compartilhamento de informações sobre assuntos técnicos, militares ou de outra ordem, sendo traduzidos e publicados.

Nosso objetivo neste artigo foi o de apresentar as estruturas que culminaram com o aparecimento de um periódico militar ligado às temáticas marítimas/navais, em um momento de transição da própria cultura de imprensa militar, que passa a se institucionalizar e organizar em publicações de produções de intelectuais militares falando para os seus pares.

Além de fazer parte do momento de inserção da instituição militar Marinha do Brasil na produção desta particular imprensa periódica do século XIX, a *Revista Marítima Brasileira* também se configura como uma interessante fonte de análise para o entendimento de momentos decisivos da

participação das Forças Armadas do Brasil, a produtividade técnico-militar brasileira e avanços tecnológicos, assim como, buscamos entender a *RMB* inserida dentro de um processo de desenvolvimento das ins-

tuições militares brasileiras, fomentadas pelo surgimento de novas formas e cenários militares ao longo da virada para o século XX e no desenrolar dos grandes confrontos mundiais que ocorreriam.

BIBLIOGRAFIA

ARIAS NETO, José Miguel. Revista Marítima Brasileira: 1851-1855: a liberdade de pensamento na Marinha Imperial e o projeto de nação no século XIX. *Revista Brasileira de História Militar*. Ano III, N. 8, agosto de 2012.

_____. *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional 1867-1910*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2001.

BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.

BRAGA, Luiz Henrique de Azevedo. *Serviço de Documentação da Marinha – 60 anos*. nº 7 2003.

CAMINHA, Herick Marques. *História administrativa do Brasil: organização e administração do Ministério da Marinha na República*. V. 36. Fundação Centro de Formação do Servidor Público. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1989.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

NOTAS

¹ Nas citações apresentadas ao longo deste artigo, preservou-se a ortografia vigente na época em que os documentos foram produzidos.

² PESSOA, Sabino Eloy. Revista Marítima Brasileira. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881, p.5.

³ Para agilizar a leitura sem comprometer o entendimento do artigo, em determinados momentos vamos nos referir à *Revista Marítima Brasileira*, por seu acrônimo *RMB*.

⁴ Informações retiradas no site oficial da Marinha do Brasil referente à apresentação da *Revista Marítima Brasileira*. <<http://www.revistamaritima.com.br/a-revista>>.

⁵ ANONIMO. Srs. Deputados. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. I, n. 7, 1854, p.5.

⁶ REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. 2000. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, v. 120, n 7, jul./set. p. 30.

⁷ PESSOA, Sabino Eloy. Op. cit. p. 02.

⁸ ANONIMO. A nossa Revista. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, julho de 1906. p. 03.

⁹ Raja Gabaglia foi um reconhecido oficial de Marinha, sendo editor da *RMB*, participante da *Revista Brasileira* e integrante da Comissão Científica de Exploração (1859-1861) idealizada pelo IHGB e patrocinada pelo governo imperial.

¹⁰ VINHAES, Augusto. A Gênese desta "revista". *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 9, março de 1928. p.1287

¹¹ O sobrenome "Eloy" aparece grafado como "Eloy" em diversas publicações da *RMB*. O mesmo, quando assinava alguma publicação, grafava as siglas S.E.P.

¹² MEIRA, Levy Araújo. Editorial. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1ª trimestre de 1969, n. 1. p. 05.

¹³ Não foram encontradas mais referências acerca do autor do livro resenhado.

¹⁴ SALDANHA, Luiz de. *As Marinhas militares do mundo* in *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. p. 09.

¹⁵ *Idem*. p. 10-16.

¹⁶ Com seu nome em homenagem ao gigante ciclope, filho de Poseidon na mitologia grega, *Polyphemos* é uma mistura de navio torpedo com aríete naval, construído na Inglaterra no início da década de 1880 para ser uma embarcação rápida com objetivo de penetrar portos inimigos em velocidade e afundar navios ancorados. Já o *Destroyer* é considerado um navio de guerra projetado para durar bem, ser rápido e manejável, principalmente para missões de escolta e defesa contra a ação de torpedeiros.

¹⁷ LAMARE, José Victor de. *Polyphemos e Destroyer*. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1881. p. 64.

¹⁸ *Idem*. p. 67.

¹⁹ *No Brasil, os modelos referentes a esse tipo de embarcação são denominados tipicamente de contratorpedeiros.*

²⁰ LAMARE, José Victor de. *Polyphemos e Destroyer*. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. p. 69-70.

²¹ COSTA, Didio. Conselheiro Sabino Eloy Pessoa (1821-1897) in *Revista Marítima Brasileira*. Ano LVIII, março-abril, ns 9-10, 1939. p. 639.

²² PESSOA, Sabino Eloy. As Trirremes de Athenas. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. p. 204.

²³ E.A. . *Episódio da Guerra do Paraguai*. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. p. 27.

²⁴ ROCHA, M. Carneiro da. O Torpedo. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. p. 17.